

# O CUSTO REAL DA ENERGIA NO BRASIL

## E O PORQUE ELE SEGUIRÁ BEM ACIMA DA PARIDADE INTERNACIONAL

16 de Novembro de 2016

[Christian Bittencourt](#)

Enquanto se fala em modernização da matriz energética, e de seu Modus Operandi, temos ainda muito chão pela frente para chegarmos aonde deveríamos estar em 2016.

Se formos analisar como a visão de futuro de Países tidos como desenvolvidos, veremos que independentemente das condições locais e culturais de nosso Brasil, temos sim que modificar nosso modo de encarar a realidade.

Em Abril desse ano, o Japão abriu totalmente<sup>1 2</sup> seu mercado de energia e as concessionárias locais passaram a investir em geração distribuída<sup>3</sup>.

Enquanto isso em Terra Brasilis, a inércia<sup>4</sup> é o fator mais assustador em uma mentalidade acomodada e introspectiva.

Não obstante as condições hídricas do Brasil, existe algo sem explicação nos aumentos<sup>5</sup> das tarifas<sup>6</sup> energéticas em todo o território nacional.

Segundo a Fundação do Desenvolvimento Administrativo do Estado de São Paulo (FUNDAP-SP), os valores das tarifas médias de fornecimento de energia elétrica no Brasil, entre 1995 e 2010, aumento 5,5 vezes. Veja o gráfico da Figura-1 abaixo que é parte do Boletim de Economia de Outubro de 2011.

As tarifas se distanciaram continuamente dos índices de preços (IPCA e IGP-DI), ou seja, apresentaram um crescimento que não corresponde ao crescimento de nenhum componente de custo com reajustes próximos aos índices de inflação (salário, materiais e equipamentos, etc...).

---

<sup>1</sup> <https://www.japanindustrynews.com/2016/04/energy-regulations-electricity-deregulation-japan/>

<sup>2</sup> <http://www.forbes.com/sites/ucenergy/2016/04/04/after-five-years-fukushima-sparks-opportunity-as-one-of-the-largest-deregulations-begins/#6eea5a734ecf>

<sup>3</sup> <http://www.renewableenergyworld.com/articles/2015/11/japan-s-local-energy-providers-turn-to-distributed-generation.html>

<sup>4</sup> <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/energia-e-sustentabilidade/geracao-domestica-de-energia-e-caminho-sem-volta-distribuidoras-prometem-brigar-98b2krdh4x6my1yfzzw1otoot>

<sup>5</sup> <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/10/bandeira-tarifaria-de-energia-eletrica-sera-amarela-em-novembro>

<sup>6</sup> <http://oglobo.globo.com/economia/conta-de-luz-voltara-ter-custo-extra-em-novembro-20377485>

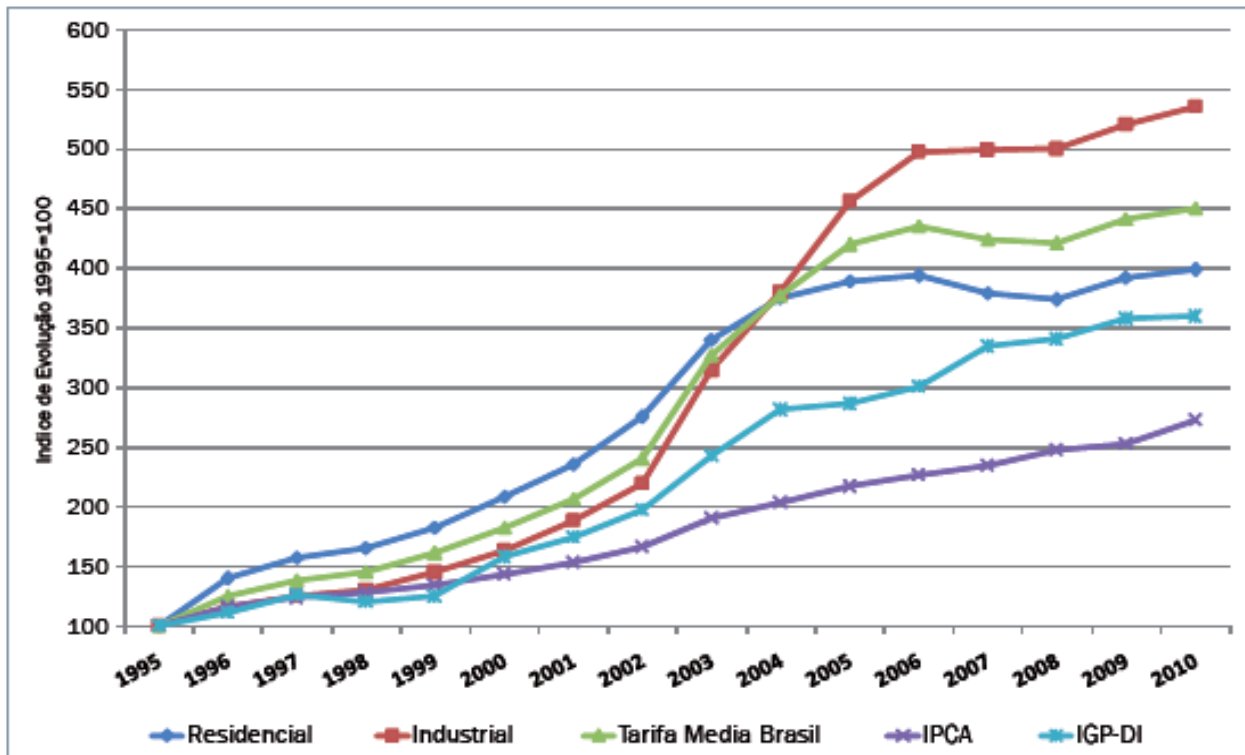


Figura 1

Na tentativa de atualizar essa visão, com base em dados da ANEEL, o mesmo gráfico foi criado para os anos de 2003 a 2015, como mostra o gráfico da Figura – 2 abaixo

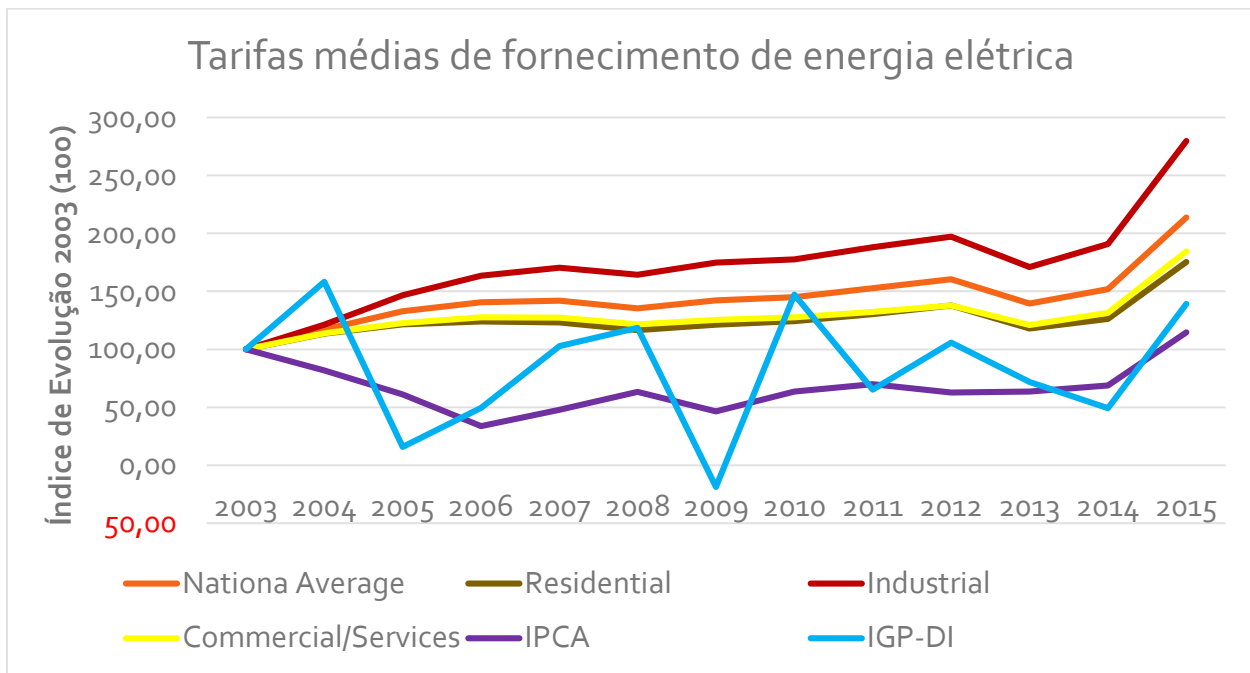


Figura 2

Nos 13 anos em questão, apesar do aumento ser menor, somente 2,5 vezes, o que fica caracterizado é o fato desse aumento não ter justificativa quando comparado aos índices de inflação oficiais com os quais a economia Brasileira é regida.

Onde fica o consumidor com isso? Porque a relutância em enxergar a sociedade como beneficiária de uma administração competente?

Dois fatores manterão o custo da nossa energia fora de competição global:

[Rafael Herzberg](#)

- Custo do dinheiro

Um setor capital-intensivo - como é o da energia elétrica - é muito sensível ao custo do dinheiro. A componente mais importante dos custos, considerando a nossa matriz energética, é a amortização dos investimentos.

Ocorre que a taxa de juros praticada no Brasil pelos bancos oficiais ou comerciais é muitas vezes aquele reinante nos demais países ao redor do mundo. Decorre que o Brasil parte de um custo maior.

- Moeda local

A impossibilidade (pelas leis brasileiras) de indexar contratos em moeda forte é um fato. Como uma parte importante dos investimentos no setor energético estão atrelados à moedas fortes, decorre que os ofertantes de energia devem incluir em seus custos a exposição aos riscos cambiais, que obviamente são transferidos aos preços que oferecem ao mercado.

E assim, com realismo, teremos no Brasil, enquanto perdurarem estas condicionantes, uma referência interna de custos de energia acima do nível competitivo global.